

APRESENTAÇÃO

DOI: 10.14393/CEF-v29n1-2016-2

E elas criaram a diversidade...

Apresentar um livro que se anuncia como “Caderno” é bastante significativo. Seu interesse não parece querer se eternizar como sabedoria arquivada. Um caderno não tem o peso de um livro e o que se escreve nele pode até ser um rascunho de um poema, uma crônica, uma receita de cozinha, uma oração, uma canção, uma receita de lambedor para a tosse das crianças, um pensamento tirado de uma folhinha... Coisas diversas da diversidade da vida. A gente vira a página e tem uma informação e depois outra e no meio, surge até um desenho de criança que pegou o caderno da mãe e fez arte em uma das páginas. Um caderno de mulheres é uma brochura misturada e até se gasta mais fácil do que um livro. O Caderno que apresento tornou-se livro, mas não pesado, mas um livro leve, divertido e sério porque fala sobre aspectos da vida de muitas mulheres. Nele se delineiam muitos espaços e tempos femininos na tentativa de registrar coisas importantes da vida em vista do presente e do futuro.

O que é mesmo apresentar alguém ou um livro?

Quando apresentamos alguém a alguém é porque temos um prazer imenso em que essa pessoa entre no espaço de outras, seja conhecida e reconhecida. No fundo quando fazemos a apresentação é porque nós, as apresentadoras, de certa forma nos identificamos ao que é apresentado ou à pessoa apresentada embora guardemos nossa originalidade pessoal. A gente apresenta um pedaço de si ou algo do que a gente gosta nas outras e quer que outras pessoas gostem... O fato é que nossas histórias se cruzam, e nos alimentam e se tornam carne própria, corpo comum e espírito comum. Nós as valorizamos porque em grande parte nós nos reconhecemos nelas de diferentes maneiras. Nós nos descobrimos matéria umas das outras como se o vivido da outra pudesse ser em parte também o meu. Experimentamos memórias e percepções semelhantes, sobretudo nas descobertas que

realizamos, nos espantos e alegrias que nos provocam, nas dúvidas que levantam e convidam a pensar a vida de outra maneira.

Percorri avidamente o ‘Caderno’ de vocês, escrito a muitas mãos. A diversidade e a unidade me impressionaram e provocaram uma experiência de admiração de nossa capacidade de desdobrar a experiência feminina e mostrá-la desde muitas formas corpóreas, tonalidades e musicalidades. Muitos novos acordes sonoros, muitas estrofes poéticas, muitos sabores diferentes, muitas cores combinadas, muitas memórias lembradas compõem o caderno multicolorido das “meninas” pensadoras e ousadas. De todas juntas surgiu uma música em ritmos diferentes, mas harmonizados pelo mesmo motivo de des-ocultar vivências, memórias, reflexões e caminhos de afirmação da dignidade e justiça das mulheres. O escondido aparece à luz do dia, o silenciado balbucia os sons outrora abafados, o pecado se abre em prazer e alegria de viver...

Tento apresentar estas páginas do Caderno evitando usar palavras bélicas tão comuns na descrição dos avanços masculinos. Luta, combate, guerra, batalha, conquista, inimigos, armas... Estas palavras também estão em nossa experiência e na nossa linguagem feminina embora de outro jeito. Eu também uso essas palavras muitas vezes e sinto-me até à vontade de usá-las. Ultimamente tenho pensado muito nesse uso de palavras bélicas que chega até a ser abusivo. Acabam condicionando nossa maneira de sentir a vida. Por isso me pergunto se haveria um jeito de transformá-las em outras parecidas a canteiros de hortaliças, vasos de flores, feijão cozido e temperado, doce de leite com chocolate, suco de graviola, beijo doce... Ou ainda, parto esperado, em abraço apertado e gostoso, vibração das entranhas, prazer de vida... Sinto o quanto é difícil aceder a novas palavras, a novas simbologias, a novas imagens, a novas expressões. É como se a memória da afirmação da liberdade e da justiça estivesse eivada ou subordinada a uma linguagem nascida de uma história que não foi e não é necessariamente a nossa. Sem dúvida somos “mistura” humana e emprestamos uns aos outros, umas a outros, outros a umas, as palavras que interpretam o que se quer e o que se vive no dia a dia. É assim que ações e comportamentos, gestos cotidianos se tornam linguagem, palavra... Mas e se mudássemos as experiências, se criássemos novas poesias, novas comidas? E se nosso corpo começasse a sentir-se de outro jeito sem modelos e sem padrões pré-estabelecidos? E se começássemos a desaprender os credos que afirmávamos como sustentáculos de

nossa fé? E se já começássemos a arrumar nossa casa de maneiras mais criativas? Não deveríamos então criar outras palavras? Outras expressões e símbolos? Outros métodos de ver o mundo e a nós mesmas? Não deveríamos nos desfiliarmos da tradição bélica de algumas expressões que no fundo já mostrou seus frutos incentivadores de novas guerras? Não deveríamos transformar nossas imagens sagradas, simplificá-las, colocá-las no chão de cada dia? Da mesma forma que as identidades femininas se pautaram também na afirmação da diferença e da inferioridade antropológica em relação ao masculino, na mesma linha nossa linguagem bélica e libertária, deveria ser substituída e nascer agora de uma nova maneira de lidar com a vida na vida cotidiana?

Nesse sentido ousou dizer que vocês modificaram a ordem patriarcal, a ordem bélica, a ordem da imitação para a ordem da consciência de quem sou/somos, dos muitos rostos que carrego, das muitas memórias que constituem a minha história. Vocês afirmaram ao mesmo tempo o corpo individual e o coletivo, o sexo na arte e a arte dos desenhos do corpo, vocês falaram da origem corpórea do mundo e da profecia, do mundo das avós e das netas através de experiências e memórias cotidianas. Vocês saíram dos conceitos universais genéricos para encontrar histórias de vida cheias de lágrimas e risos, repletas de esperanças pequenas e grandes.

O fortalecimento da identidade das mulheres negras, indígenas e as muitas questões de nós todas, a afirmação de nossa cidadania, a introdução do gênero na memória e na historiografia, o erótico feminino, a vida das migrantes ainda servindo a ‘casa e a cama’, as mulheres nas ciências e especialmente nas ciências da religião surgiram como pautas múltiplas de uma mesma partitura polifônica com clave musical comum. São tantos temas e problemas que a lógica patriarcal exigiria até um aparato teórico para unificá-las. Mas estamos todas seguras que não há que se importar com a unidade uniformizada das ideias que constituem o Caderno.

O conteúdo do Caderno faz estourar as antigas organizações do pensamento e dos costumes. A unidade vem da diversidade da vida, da diversidade das percepções, da diversidade das pessoas e seres. Essa é maior do que a pretensa unidade do pensamento e da lógica dela decorrente. Por isso o Caderno de vocês nos faz reafirmar o fato de que somos todas unidas pela Vida na diversidade de nossas vidas. E isto é muito bom...

Sinto-me honradíssima de *apresentá-las* a um vasto público ou a um pequeno público capaz de crer na renovação das coisas e especialmente do coração humano. Seguimos nossas estradas individuais e comuns levantando e baixando as poeiras de nosso planeta...

Com passo firme *cremos* na novidade expressa no sol que é o mesmo e a cada dia diferente, na lua que é a mesma, mas tem suas fases diversas, nos rios e mares mesmos e diferentes, no meu corpo que é o mesmo e a cada dia diferente, no amor que nos habita frágil e forte, igual e diferente...

Louvada seja a diversidade da vida e suas múltiplas manifestações...

Louvadas sejam suas provocações e o que aprendemos delas...

Louvados sejam nossos primeiros passos, os segundos e os atuais...

Louvadas sejam vocês por suas vozes, seus cantos, seus amores e, por iluminar com suas lâmpadas acesas os lugares escondidos de tantas vidas.

Amém à diversidade que nos habita e que sai de nossos poros e se espalha como perfume de grande preço.

Ivone Gebara

Setembro 2015